

**COM A METAMORFOSE DO MUNDO:  
uma nova realidade para o trabalho e a formação docente**

Lucélia Peron<sup>1</sup>  
Marlei Dambros<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo deste texto é promover reflexões sobre um conjunto de acontecimentos que atingem a sociedade contemporânea e, conseqüentemente, o trabalho docente em sala de aula e as propostas de formação de professores. Ou seja, buscamos responder a seguinte questão de pesquisa: diante dos acontecimentos que atingem a sociedade contemporânea e o trabalho docente, que possibilidades outras de formação de professores podem ser implementadas? O artigo é teórico e toma como ponto de partida o conceito de “metamorfose do mundo” (Beck, 2018) para interpretar fatos que derivam da revolução tecnológica, do uso de artefatos digitais e da mundialização. A partir do trabalho de Beck (2018), e em diálogo com autores do campo da educação, apresentamos possibilidades para (re)construir os processos de formação de professores, considerando o perfil dos atuais estudantes e a dinamicidade da sociedade. Não há respostas conclusivas, mas defendemos uma formação que assuma pressupostos epistemológicos da contemporaneidade, a aprendizagem ao longo da vida, a perspectiva colaborativa e a cooperação entre instituições internacionais. Além de se alicerçar em uma perspectiva inter/multi/transdisciplinar e contemplar os cenários vigentes, as dinâmicas socioculturais e os atores escolares.

**Palavras-chave:** Contemporaneidade. Revolução digital. Estudantes. Formação de professores.

**WITH THE METAMORPHOSIS OF THE WORLD: a new reality for work and  
teacher training**

**Abstract:** The aim of this text is to promote reflections on a set of events that impact contemporary society and, consequently, the work of teachers in the classroom and proposals for teacher training. In other words, we seek to answer the following research question: given the events affecting contemporary society and the work of teachers, what other possibilities for teacher training can be implemented? The article is theoretical and takes as its starting point the concept of "metamorphosis of the world" (Beck, 2018) to interpret facts stemming from the technological revolution, the use of digital artifacts, and globalization. Based on Beck's work (2018), and in dialogue with authors in the field of education, we present possibilities to (re)construct teacher training processes, considering the profile of current students and the dynamism of society. There are no conclusive answers, but we advocate for a formation that adopts the epistemological assumptions of contemporaneity, lifelong learning, a collaborative perspective, and cooperation among international institutions. In addition to being grounded in an inter/multi/transdisciplinary perspective and considering current scenarios, sociocultural dynamics, and school actors.

**Keywords:** Contemporaneity. Digital revolution. Students. Teacher training.

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação Científica e Tecnológica na Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Matemática Licenciatura pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó. Técnica em Assuntos Educacionais na Universidade Federal da Fronteira Sul. Membro do Grupo de Pesquisa Núcleo de Educação em Química (NEQ/UFSC). E-mail de contato: [luc.peron@gmail.com](mailto:luc.peron@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Pedagogia pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó. Pedagoga na Universidade Federal da Fronteira Sul. Membro do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Tecnológica (NEPET/UFSC). E-mail de contato: [dambrosmarlei@gmail.com](mailto:dambrosmarlei@gmail.com)

## CON LA METAMORFOSIS DEL MUNDO: una nueva realidad para el trabajo y la formación docente

**Resumen:** El objetivo de este texto es promover reflexiones sobre un conjunto de acontecimientos que afectan a la sociedad contemporánea y, en consecuencia, al trabajo de los docentes en el aula y propuestas para la formación docente. En otras palabras, buscamos responder a la siguiente pregunta de investigación: dados los acontecimientos que afectan a la sociedad contemporánea y al trabajo docente, ¿qué otras posibilidades se pueden implementar para la formación docente? El artículo es teórico y toma como punto de partida el concepto de “metamorfosis del mundo” (Beck, 2018) para interpretar hechos que derivan de la revolución tecnológica, del uso de artefactos digitales y de la mundialización. A partir del trabajo de Beck (2018), y en diálogo con autores del campo de la educación, presentamos posibilidades para (re)construir los procesos de formación de profesores, considerando el perfil de los estudiantes actuales y la dinamismo de la sociedad. No hay respuestas concluyentes, pero defendemos una formación que asuma los presupuestos epistemológicos de la contemporaneidad, el aprendizaje a lo largo de la vida, la perspectiva colaborativa y la cooperación entre instituciones internacionales. Además de fundamentarse en una perspectiva inter/multi/transdisciplinaria y contemplar los escenarios vigentes, las dinámicas socioculturales y los actores escolares.

**Palavras-clave:** Contemporaneidad. Revolución digital. Estudiantes. Formación de profesores.

### Introdução

Metamorfose não é mudança social, não é transformação, não é evolução, não é revolução e não é crise. É uma maneira de mudar a natureza da existência humana. Significa a era dos efeitos colaterais. Desafia nosso modo de estar no mundo, de pensar sobre o mundo, de imaginar e fazer política (Beck, 2018).

É nesse cenário, de um mundo que não apenas muda, mas se metamorfoseia, que buscamos compreender o tempo presente. Com a sensação de que vivemos em um mundo que está cada dia mais desequilibrado e desajustado, encontramos auxílio em Beck (2018, p. 11) para “compreender por que não compreendemos mais o mundo”. Segundo o autor, isso acontece porque estamos vivendo a metamorfose do mundo.

Na tentativa de desvendar o momento atual, Beck (2018) nos apresenta uma explicação sobre o que significa “mudança na sociedade” e “metamorfose do mundo”. Para o autor, as mudanças se relacionam com as transformações permanentes que acontecem na modernidade e que carregam conceitos e certezas que permanecem constantes. Mudança implica que algumas coisas mudam, mas outras permanecem iguais. Já a metamorfose é uma transformação muito mais radical, que desestabiliza as certezas da sociedade moderna, faz surgir algo inteiramente novo e o que era imaginado como inconcebível, hoje está acontecendo como um evento global

e observável em todos os lugares do mundo, porque é transmitido pelos meios de comunicação. Dentre os eventos citados pelo autor e que fazem parte da metamorfose do mundo, estão: os ataques terroristas, as guerras, as violências, as mudanças climáticas, as crises financeiras, as ameaças à liberdade pela vigilância totalitária na era da comunicação e informação, a doação de óvulos e espermatozoides, a fertilização *in vitro* (FIV), a barriga de aluguel/cessão temporária do útero, dentre outros.

A teoria da metamorfose “não trata dos efeitos colaterais negativos dos bens, mas dos efeitos colaterais positivos dos males” (Beck, 2018, p. 16). Como exemplo ilustrativo da metamorfose, podemos citar o atentado a Hiroshima:

Antes de Hiroshima, ninguém compreendia o poder das armas nucleares; mas depois o sentido de violação criou um forte ímpeto normativo e político: “Hiroshima nunca mais!” [...] “Holocausto nunca mais!” [...] Não foi simplesmente uma lei que mudou, mas nossos horizontes sociais – nosso próprio estar no mundo. [...] Isso é exatamente o que quero dizer por metamorfose: o que era completamente impensável ontem é possível e real hoje (Beck, 2018, p. 59).

Outro exemplo que pode ser citado é o uso da fertilização artificial, desenvolvida por meio do avanço tecnológico da medicina. O método surgiu para resolver o problema de mulheres inférteis que desejavam ter filhos e, inicialmente, era oferecido exclusivamente para pessoas casadas. Hoje, a técnica também é utilizada por mulheres solteiras, e isso

[...] leva a uma situação social inteiramente nova, cujos efeitos nem podem ser previstos ainda. Já não se trata aqui do caso típico da mãe que volta a estar sozinha depois do divórcio, mas de uma assim desejada maternidade sem pai, que não tem precedentes históricos. Ela prevê a doação de espermatozoides à margem de qualquer relacionamento. Surgem assim, num sentido social, crianças sem pai, cujos progenitores estariam reduzidos a uma mãe e a um anônimo doador de espermatozoides. Esse processo desembocaria finalmente na manutenção da paternidade biológica e na abolição da paternidade social (Beck, 2011, p. 303-304).

Essas transformações em curso ocorrem no mundo, estão interconectadas, criam um ambiente novo de fatos para as atividades da vida individual e social, gerando uma série de desafios inéditos. Pensando na área da educação, podemos questionar: o que significa ser professor de um estudante que nasceu de uma barriga de aluguel ou que não tem um pai social?

Bauman (2007, p. 8) argumenta que é chegado o momento de perguntar como essas mudanças modificam nossos objetivos individuais e nossos comportamentos e como elas

influenciam a maneira como vivemos, nos comportamos e trabalhamos. Para o autor, “seria imprudente negar, ou mesmo subestimar, a profunda mudança que o advento da ‘modernidade fluida’ produziu na condição humana” (Bauman, 2011b, p. 12), pois o que distingue a atualidade “de todas as outras formas históricas do convívio humano é a compulsiva, obsessiva, contínua, irrefreável e sempre incompleta modernização” (Bauman, 2011b, p. 30).

Na compreensão de Bauman (2011a) e Beck (2018), é a internet que tem contribuído para a construção de uma realidade diferente, pois além de criar o mundo como unidade de comunicação, ela cria a humanidade por meio do seu potencial de interconectar todo o mundo. Ela nos conecta de imediato e em tempo real a todo e qualquer lugar do planeta, por meio de computadores e celulares que carregamos conosco, o tempo todo, para onde quer que nos desloquemos. E é esse mundo, que está em permanente mudança e que qualquer lugar está conectado com todos os outros lugares do planeta, que, cotidianamente, nos tem apresentado surpresas e inventado novos desafios para a compreensão humana.

Hoje, em função da internet, celulares e redes sociais, ninguém mais escapa dos acontecimentos globais, porque o global não está apenas ‘lá fora’, mas constitui uma realidade vivida por todos nós (Beck, 2018). Mesmo as pessoas que vivem em comunidades distantes, que pouco saem do seu local, possuem uma estreita ligação com o mundo, pois, de uma maneira ou de outra, são afetadas pelos eventos globais porque estão conectadas por meio do uso do telefone celular, que se tornou parte essencial do nosso cotidiano.

Com o desenvolvimento tecnológico acelerado e a construção digital do mundo, a sociedade também vivencia a “metamorfose digital” pois os mundos on-line e off-line estão entrelaçados e os seres humanos digitais questionam categorias tradicionais como status, identidade social, coletividade e individualização. Por exemplo, o status de uma pessoa não é mais definido por sua posição na hierarquia de ocupações, mas pelo número de seguidores e “amigos” que possuem no Facebook, Instagram e/ou canal do Youtube, onde a própria categoria de “amigo” foi metamorfoseada em algo que não necessariamente tem a ver com familiaridade (Beck, 2018). Também, a metamorfose digital tem a ver com a metamorfose de modos de existência, onde a proximidade social está sendo desconectada da proximidade geográfica e a distinção entre ficção e realidade está diminuindo. Além disso, essa metamorfose também está mudando a comunicação nas escolas, e os modos de interação entre professores, estudantes e

colegas passam a acontecer, em grande medida, dentro da esfera digital. O Facebook e o Instagram são usados para compartilhar os acontecimentos pessoais; o WhatsApp para divulgar informações sobre as tarefas de casa, trabalhos, provas; e o YouTube para compartilhar conhecimentos diversos com o mundo.

Esse cenário nos remete à ideia de “geração da metamorfose” e “metamorfose da geração” (Beck, 2018) e nos obriga a compreender os membros das atuais gerações por meio de uma sociologia global dinâmica. E para isso, Beck (2018) apresenta o conceito de “gerações de efeitos colaterais”. Segundo o autor, as gerações deste início do século XXI têm sua existência e sua ação no digital, pois o que as forma não é o poder da ação política, mas o uso de telefones celulares. De modo especial, a geração mais jovem incorpora no seu DNA a modernidade digitalizada desde o início de sua vida, fazendo com que a sua inserção na ordem social não seja mais feita pelos pais, família e escola, mas sim, pela TV, computador, celular e redes sociais.

No contexto global, a geração da metamorfose se torna cada vez mais forte, porque pouco a pouco os mais velhos vão morrendo, e os jovens só podem se reproduzir como seres humanos digitais. Conseqüentemente, a relação com a educação também se modifica, pois a internet possibilita que acessemos inúmeros conhecimentos com um clique individual. Apesar de se ter muitas críticas e preocupações em relação à fragmentação e desorganização dessa abundância de conhecimentos, Beck (2018) nos diz que ela representa uma metamorfose que ainda não fomos capazes de entender, pois, se por um lado a relação entre professor e estudante é dissolvida, por outro, os mais velhos lamentam a suposta ruína do valor da educação e do conhecimento.

E como encontrar um ponto de equilíbrio nisso? Num tempo em que o celular é um dos artefatos centrais que configuram a infância, a adolescência e a juventude e em que as curtidas e os seguidores indicam para o mundo quem tem influência e quem não tem, as relações dos mais jovens com a escola, com a família e entre eles mesmos se modificam, surgindo um coletivo de crianças, adolescentes e jovens fascinados e capturados pelo celular. Conseqüentemente, o uso do celular tem repercutido e impactado nas rotinas escolares, que vêm sendo desafiadas a se adequar a estes novos estudantes e a novos recursos educacionais. E qual a função da formação de professores frente a esse cenário?

Diante do exposto, nos motivamos a escrever este ensaio com o objetivo de promover reflexões sobre um conjunto de acontecimentos que atingem a sociedade contemporânea e, conseqüentemente, o trabalho docente em sala de aula e as propostas de formação de professores. Ou seja, buscamos responder a seguinte questão de pesquisa: diante dos acontecimentos que atingem a sociedade contemporânea e o trabalho docente, que possibilidades outras de formação de professores podem ser implementadas?

O artigo é teórico e toma como ponto de partida o conceito de “metamorfose do mundo” (Beck, 2018) para interpretar fatos que derivam da revolução tecnológica, do uso de artefatos digitais de informação e comunicação e da mundialização. Buscamos interpretar eventos e dinâmicas do mundo atual que, apesar de apenas estarem se anunciando, já desestabilizam as rotinas sociais, institucionais e educacionais organizadas há tempo e obrigam a repensar as estratégias de ensino e de formação de professores.

O artigo surge das reflexões produzidas no âmbito da pesquisa de doutorado da primeira autora, desenvolvida em um programa de pós-graduação em educação científica e tecnológica, tendo como objeto de estudo o desenvolvimento profissional em uma comunidade colaborativa docente, considerando a dinamicidade da sociedade contemporânea e o novo perfil de estudantes que chega às escolas, ambos marcados pela hiperconexão global. As discussões propostas se baseiam na literatura que fundamenta a pesquisa de tese. Ou seja, para sustentar as análises, recorreremos a estudos de autores como Bauman (2007, 2011a, 2011b, 2012, 2013), Bazzo (2019, 2020), Beck (2011, 2018), Costa (2010, 2012), Green e Bigum (2011), Imbernón, (2024), Nóvoa (2022), Serres (2013) dentre outros, que têm se ocupado em problematizar o atual processo civilizatório e sua complexa compreensão; o perfil dos atuais estudantes e os desafios que eles trazem para o trabalho docente; bem como possíveis perspectivas para (re)construir as propostas de formação de professores.

Em relação a organização, além desta introdução, o texto apresenta uma discussão sobre como a metamorfose do mundo constitui sujeitos escolares do nosso tempo com outras subjetividades e individualidades; e sobre a necessidade de pensarmos em uma formação de professores outra, apontando caminhos possíveis. Para encerrar, são tecidas algumas considerações sobre os resultados encontrados e apresentadas as referências que serviram de suporte nesta análise.

## A geração da metamorfose traz novos desafios para o trabalho docente

Diante da atual conjuntura que se apresenta com a metamorfose do mundo, precisamos compreender a maneira como as crianças, os adolescentes e os jovens da atualidade vivem e se constituem como estudantes do nosso tempo e entender que

[...] ambivalência, efemeridade, descartabilidade, individualismo, visibilidade, superficialidade, instabilidade, provisoriedade fazem parte das vidas das crianças e jovens escolares de hoje. Eles procuram incansavelmente inscrever-se na cultura globalmente reconhecida e fazer parte de uma comunidade de consumidores de artefatos em voga na mídia do momento; produzem seus corpos de forma a harmonizá-los com o mundo das imagens e do espetáculo; caracterizam-se por constantes e ininterruptos movimentos e mutações. São crianças e jovens que buscam infatigavelmente a fruição e o prazer e, nessa busca, borram fronteiras de classe, gênero e geração. São crianças e jovens que vão se tornando o que são, vivendo sob a condição pós-moderna (Costa, 2012, p. 266).

Ao se analisar o interior da escola, não podemos esquecer do que existe e acontece do lado de fora dela, pois os estudantes que circulam nesse espaço, hoje, são sujeitos que nasceram e cresceram no interior de uma cultura digital e estão inteiramente capturados pelo ciberespaço e pela cibercultura, desestabilizando a educação e causando inquietações nos professores. Costa (2010) é bastante enfática ao afirmar que

Os estudantes chegam à escola fascinados por imagens, espetáculo e consumo, já familiarizados com o ritmo vertiginoso dos acontecimentos e com a curta duração, volatilidade e descartabilidade dos objetos, das experiências, dos desejos, dos sentimentos. Pautam suas vidas pela urgência, rapidez e imediatismo (comidas instantâneas, conexão com o mundo num clicar de teclado, novas roupas, afetos e estilos a qualquer momento), e reinventam seus eus inspirados em repertórios identitários infinitamente renovados. São essas crianças nascidas no século XXI que frequentam nossas salas de aula. Sabemos quem elas são? Como se tornaram o que são? O que elas precisam aprender que ainda não sabem? Como se educa quando é difícil vislumbrar uma direção desejável? (Costa, 2010, p. 146).

Esses estudantes fazem parte de uma geração global, que em meio a vidas apressadas, assumem como referência para sua constituição o mundo on-line, o comportamento e as dicas de influenciadores digitais, o consumismo exagerado, que é vivenciado como demonstração de autonomia, autenticidade, independência, confiança, ou o consumismo excluído, que o “não poder comprar” significa não ter uma vida plena. Esses sujeitos não conseguem escapar das

promessas de prazer, conforto e satisfações instantâneas impostas a eles, diariamente, pelo ciberespaço e pela cibercultura.

Os membros da geração da metamorfose, segundo Bauman (2013), estão se revelando como humanos instáveis e frágeis, que possuem sintomas de adoecimento mental e distúrbios psíquicos como depressão, síndrome do pânico, uso de álcool e drogas, bulimia, anorexia, insatisfação com a própria imagem, estes últimos muito relacionados com a ditadura da beleza imposta pelas redes sociais. A estrutura de vida desses sujeitos não se caracteriza mais por rotinas, mas sim, por buscar o novo incessantemente. Por isso, são sujeitos que, normalmente, tem desvalorizado o conhecimento e construído uma aprendizagem rasa e superficial, pois a antiga certeza de que a educação seria um passaporte para um futuro de sucesso se desfez, com consequências intensas para o processo educacional.

Diante desse perfil de crianças, adolescentes e jovens, o trabalho de educar é cada vez mais árduo, pois os aparatos tecnológicos dominam os espaços sociais, familiares e educativos e, conseqüentemente, mudam as formas de produção, aquisição, assimilação e utilização dos conhecimentos. Aquilo que é aprendido pelos estudantes é descartável, pois sua utilidade é temporária e a capacidade de esquecer é instantânea (Bauman, 2013). Por conseguinte, o poder do sistema educacional e dos professores está se perdendo e tornando-se muito limitado, nos levando a pensar sobre: qual é a responsabilidade do professor no processo de ensino-aprendizagem atual?

Os professores e as escolas são cobrados constantemente para que atendam as demandas desses estudantes contemporâneos. No entanto, não é uma tarefa simples e fácil conceber uma escola para sociedades tão complexas e para um tempo em que tudo é instável, temporário e está em permanente mudança. A educação como um todo, universidades, escolas, formação de professores, processos de ensino, não se adaptaram ao tempo presente. A maneira que os professores continuam desenvolvendo seu trabalho é para um mundo que não existe mais - linear, estável, lento. Se sentem frustrados porque estão competindo com dezenas de aplicativos, estrelas pop, gamers, influenciadores digitais e, nessa competição, os professores têm pouca, se é que têm alguma, chance de vencer. Mas claro, como bem nos lembra Bauman (2011a) e Ramos do Ó e Costa (2007), não é culpa dos professores, pois foi o mundo do lado de fora da escola que mudou de uma forma assustadora, não nos dando tempo para

compreendermos tantos acontecimentos. E o grande desafio da escola hoje é estar enfrentando um problema que nunca enfrentou: um mundo que está em permanente mudança.

Analisando a escola como uma instituição secular, que segue um modelo criado no final do século XIX, Ramos do Ó e Costa (2007), historiador e professor, afirma que a escola tem refletido pouco sobre a complexidade das inúmeras mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais que nos atingem, por isso o modelo de educação que nós temos não dá conta de ensinar os estudantes do século XXI. Além disso, numa época em que todos – estudantes, professores e formadores de professores – têm igual acesso a computadores e celulares conectados à internet, quando as últimas descobertas das ciências, novidades da moda e acontecimentos globais são acessadas pela palma da mão, com um click individual, é difícil ensinar e praticamente impossível manter firme a autoridade da escola e do professor como fontes de conhecimento.

O que podemos ver no sistema educacional contemporâneo é uma pedagogia obsoleta, escolas afastadas do que acontece no mundo real, classes lotadas, alunos entediados e desinteressados e professores esgotados. Os professores estão fragilizados, física e emocionalmente, porque é impossível dar conta de tantas demandas. Vivenciam uma sensação de impotência porque as tensões que desgastam o grupo de professores são muitas e de todas as ordens. Por isso defendemos que o coletivo de professores precisa, primeiramente, compreender o momento histórico em que estamos vivendo para, em seguida, ter condições de saber lidar com as inúmeras incertezas desse mundo.

Bauman (2011b, 2013), Costa (2010, 2012) e Serres (2013) defendem que precisamos compreender a importância dessa verdadeira mutação que presenciamos hoje e, ao invés de ignorar as experiências e linguagens trazidas pelos estudantes, por considerá-las sem importância, e até um obstáculo para a aprendizagem, seria mais interessante que junto com a cultura escolar, fosse considerado um outro universo, cheio de experiências, com novos significados, novos comportamentos, novos interesses e novas formas de vida. Contudo, os autores alertam que, para considerar esse outro universo, os professores necessitam preparar-se para perceber todas essas mudanças, reconhecer e entender a importância dessas transformações e capacitarem-se para lidar com elas e com os estudantes da atualidade, que possuem novas subjetividades, novas formas de viver e de ser humano.

Costa (2010, 2012) e Serres (2013) alertam que não é mais possível ignorar: as competências tecnológicas dos estudantes; que as telas (TV, computador, celular) têm sido professores convincentes nessas últimas décadas, porque educam por meio da divulgação de modos de ser, pensar, viver, comportar-se e, com isso, crianças, jovens e adultos aprendem incontáveis e inusitadas lições; e que a internet, com a sua ideia de multivetorialidade e multidirecionalidade, vem fortalecer as identidades culturais dos mais jovens. E é nesse cenário que “o aluno senta na escola e tem que ficar lendo um livro didático, um texto qualquer, repetindo e memorizando coisas...” (Ramos do Ó; Costa, 2007, p. 115).

A partir do entendimento de que os professores estão lidando com estudantes que são verdadeiramente diferentes daqueles de épocas anteriores e que escolas e autoridades educacionais têm desenvolvido currículos baseados em pressupostos essencialmente inadequados, e mesmo obsoletos, Green e Bigum (2011), de forma provocativa, questionam: existem alienígenas em nossas salas de aula? Quem são os alienígenas, os estudantes ou os professores? Os autores justificam a importância desses questionamentos baseados no entendimento de que, na perspectiva dos professores, os estudantes são os alienígenas; enquanto na perspectiva dos jovens, alienígenas são os professores.

Diante disso, e compreendendo a população escolar contemporânea como sujeitos exemplares do pós-modernismo, Green e Bigum (2011) defendem que precisamos nos interessar em compreender esse fenômeno que é cada vez mais visível nos debates atuais: a emergência de um novo mundo e de um novo tipo de estudante, que possuem novas exigências e novas capacidades. Para os autores, é evidente a necessidade de se teorizar os estudantes contemporâneos como um fenômeno de alta complexidade e contradição. De pensá-los como um campo de práticas, experiências, identidades e discursos diversos e contraditórios, pois com as tecnologias e as mídias sociais eles vivem, ao mesmo tempo, em muitos lugares e contextos. Portanto, ao observarmos o comportamento e o processo de escolarização destes sujeitos, devemos reconhecer a real complexidade que estamos vivendo.

Também, quando se analisa o “estudante-sujeito pós-moderno”, é preciso considerar o contexto mais amplo do cenário educacional e cultural existente fora do sistema formal de escolarização (Green; Bigum, 2011). Isso porque estamos vivenciando a existência de um importante deslocamento da escola para a mídia eletrônica como o contexto socializador.

Diante disso, Costa (2012), Green e Bigum (2011) e Serres (2013) acreditam que o debate contemporâneo sobre a interface entre a cultura juvenil e as novas tecnologias de texto, imagem e som, deveria ser o norte das reflexões da área da educação. Além disso, o currículo tende a se desvincular da escola, o que impõe uma reconfiguração, tanto das disciplinas quanto da escola. Também é preciso compreender que quem realmente vivencia e sente o pós-modernismo são os membros das atuais gerações, pois são eles que habitam um novo mundo, completamente diferente, constituído pelas culturas da internet, das redes sociais e da inteligência artificial.

É preciso ainda entender que o que existe dentro da escola nos aponta para o que há fora dela, e por isso os estudantes metamorfoseados são um desafio para a educação, visto que eles não permitem o estabelecimento de uma ordem e a elaboração de planos a longo prazo, pois o tempo e os espaços pós-modernos são voláteis e alucinantes e isso exige que repensem os processos de ensino e a formação de professores para as sociedades do século XXI.

Confrontados com essa nova realidade, os professores são obrigados a pensar sobre os problemas e as possibilidades dessa incorporação do digital no cotidiano escolar. É fundamental que os professores avaliem o que está ocorrendo nas salas de aula, quando os atuais estudantes entram e tomam seus lugares: eles esperam (im)pacientemente as orientações dos professores ou permanecem conectados ao mundo on-line?

Sabemos que é difícil pensar em um modelo de escola para uma sociedade tão versátil e incerta, e para um tempo em que tudo escorre como líquidos, como diz Zygmunt Bauman (2011b, 2012, 2013). Nessa perspectiva, Costa alerta que

Não podemos esquecer que a escola é uma instituição que foi inventada em um mundo que era o mundo da ordem, das coisas certas, nos lugares certos, nas horas certas. E esse mundo foi fraturado, está em cacos. E aí, o que a escola faz? De certa forma, como ela não consegue acompanhar isso, e talvez seja exatamente porque há uma disjunção entre o ethos da escola e os tempos pós-modernos, diz-se que está em crise. O que a gente poderia pensar, refletindo um pouco, seria que se a escola se abrisse um pouco mais, se tornasse mais permeável a estes modos de ser contemporâneos, experimentasse mais essas novas formas de viver, poderia, quem sabe, inventar outras formas de educar (Ramos do Ó; Costa, 2007, p. 116).

Todas essas questões que envolvem a sociedade atual e que são condições locais, nacionais e globais, têm um papel importante na definição do significado e do propósito da

escolarização, no que significa ensinar e na forma como os estudantes devem ser ensinados para viver em um mundo que será amplamente mais mundializado, *high tech* e radicalmente diferente que em qualquer outra época da história (Giroux, 2011).

Sabemos que as atuais instituições de ensino não respondem às necessidades da população estudantil e que os professores encontrarão ainda mais dificuldades para lidar com as atitudes, representações e desejos dessa nova geração, se as configurações disciplinares e as práticas pedagógicas permanecerem inalteradas. Nesse momento, é preciso compreender e reconhecer que com a metamorfose do mundo, novos sujeitos e novas formas de vida emergem, exigindo mudanças nos processos educativos. E não há dúvida que isso perturba e desafia os professores.

Temos a urgência de olhar para o inevitável: uma formação de professores outra. Mas que possibilidade temos de renovar os cursos de licenciaturas e de pós-graduação e as ações de formação continuada? Que práticas formativas seriam as mais adequadas para este início do século XXI? Como contemplar nas formações inicial e continuada de professores a metamorfose do mundo, o conjunto das experiências contemporâneas e as características dos atuais estudantes? É sobre isso a discussão do item seguinte.

### **Formação de professores: que possíveis caminhos?**

As transformações enunciadas nos itens acima geram consequências profundas no modo de pensar e efetivar a formação docente. Pesquisas e eventos nacionais e internacionais, por meio de um diagnóstico crítico, têm denunciado o despreparo profissional dos professores e anunciado a necessidade e urgência de se concretizar inovações nos processos formativos. No entanto, os inúmeros diagnósticos feitos no Brasil ainda não deram início a um movimento geracional de transformações na situação que se encontram as escolas públicas e nas condições de trabalho e de formação dos professores (Nóvoa, 2022).

O que tem acontecido são iniciativas pontuais, que buscam implementar alguma mudança na formação inicial ou continuada, mas ainda são raras, e os resultados práticos, pouco ou nada percebidos. O que se evidencia são propostas fragmentadas, inadequadas, insuficientes e que não contribuem no enfrentamento da complexidade dos problemas educacionais da contemporaneidade, pois o descompasso entre a formação dos professores e a realidade da

educação, da escola e da sociedade, é cada vez maior.

Interessa-nos pensar em possibilidades de formação de professores que considerem os novos desafios que estão postos. A competição da escola com o celular e as redes sociais, por exemplo, traz uma série de questões com relação à motivação dos estudantes. As aulas tradicionais deixam de ser atraentes quando confrontadas com a navegação no ciberespaço e na cibercultura. E isso exige que os professores utilizem novos métodos e artefatos em suas aulas, mesmo que para alguns, isso represente um encontro com o novo.

Em uma sociedade cada vez mais mundializada e virtual, Alevato (2015) acredita que algumas reflexões são fundamentais para se repensar a formação de professores, dentre elas: por que é fundamental que crianças, adolescentes e jovens frequentem uma escola numa sociedade tão complexa e que se projeta de forma planetária? Seria a escola de hoje um lugar bom de estar para professores e estudantes? Certamente que sim! Contudo, pensar o verdadeiro sentido do trabalho educativo apresenta-se crucial na revolução de uma instituição que se constitui como absoluta e obrigatória para todos. E não se trata apenas de selecionar novos conteúdos, mudar a arrumação das salas ou recomendar outros livros.

Para Bauman (2012), a atual crise da educação e da formação de professores é, antes e acima de tudo, uma crise de instituições e filosofias. Criadas para um tipo diferente de realidade, elas não conseguem mais absorver, acomodar e manter as mudanças sem uma revisão meticulosa dos marcos conceituais que utilizam. E tal revisão é o mais complexo e difícil de todos os desafios que podem enfrentar. Sem projetar bases teóricas diferentes, a ortodoxia filosófica pode apenas colocar de lado e abandonar a crescente pilha de novos fenômenos, considerando-os anomalias e desvios. Contudo, as universidades e escolas vão continuar competindo com inúmeras outras agências - Instagram, TikTok, WhatsApp, YouTube, blogs etc - sendo estas muito mais bem capacitadas para “passar a mensagem delas” e mais em sintonia com os desejos dos estudantes contemporâneos.

Diante disso, acreditamos que compreender a metamorfose do mundo é uma primeira pista para se pensar em mudanças e inovações nas propostas de formação de professores e nos processos de ensino. Pela nossa experiência como profissionais da área da educação, não será a formação inicial e nem a formação continuada baseada em cursos curtos e seminários de fins de semana que vão dar conta de formar professores para o século XXI. Mas uma formação

vinculada a realidade global, que disponibilize tempo para os professores compartilharem suas vivências e experiências e, de forma coletiva e colaborativa, analise as questões emergentes da sala de aula, reflita sobre as práticas desenvolvidas e discuta o como ensinar. Isso porque os professores precisam saber mais que o conteúdo específico da disciplina e as técnicas pedagógicas de como ensinar. Eles precisam compreender a realidade ampla e local e seus desafios a partir do acesso a epistemologias que permitam interpretar esse novo tempo, marcado pela hiperconectividade, pela sociedade líquida, vida líquida, relações líquidas, conhecimentos líquidos.

Mesmo diante das condições precárias em que a profissão se desenvolve – falta de estrutura física, pedagógica e de pessoal nas escolas, baixos salários, desvalorização social, quadros de adoecimento dos docentes – é fundamental que os professores se motivem a conhecer e compreender os desafios contemporâneos que estamos enfrentando e entender esse mundo, que muda numa velocidade acelerada. Também partindo desse entendimento, Bazzo (2020) defende que, para que os professores consigam identificar as inúmeras variáveis que integram o processo civilizatório contemporâneo e implementem novas estratégias educacionais, sua formação precisa assumir pressupostos da contemporaneidade e não ser somente uma formação clássica, baseada em cursos de graduação, mestrado e doutorado, mas, especialmente, uma formação alicerçada em leituras e discussões que envolvem diferentes campos do conhecimento.

Bazzo (2019) defende a importância da leitura para podermos compreender o processo civilizatório complexo que estamos vivenciando e para a reconstrução dos processos formativos atuais. No seu entendimento, são os diversos escritos que lemos e as reflexões que eles nos provocam que nos ajudam a ver o mundo sob diversos ângulos e reordenar os processos educacionais que, mais do que nunca, necessitam de novos ares para entender a sociedade humana, que anuncia tantos questionamentos e dúvidas. Para ele, é por meio da leitura e das ideias apresentadas por diversos autores contemporâneos, que raramente são utilizados como referência na educação, que chegaremos ao ponto de ruptura civilizatória e a uma educação “desobediente”, pois no contexto educacional ainda há poucas ideias vigorosas e audaciosas que servem de alicerce para implementar um novo modelo de educação e de formação de professores. Então, são os pressupostos apresentados por estes autores de diversas áreas, que

nos ajudam a encontrar algumas alternativas que tanto precisamos.

As leituras, em diálogo com nossas vivências e experiências pessoais e profissionais, nos possibilitam um modo próprio de produzir conhecimentos. Assim como Larossa (2007), assumimos que:

Pensar a leitura como formação implica pensá-la como uma atividade que tem a ver com a subjetividade do leitor: não só com o que o leitor sabe, mas também com aquilo que ele é. Trata-se de pensar a leitura como algo que nos forma (ou nos de-forma e nos trans-forma), como algo que nos constitui ou nos põe em questão naquilo que somos. A leitura, portanto, não é só um passatempo, um mecanismo de evasão do mundo real e do eu real. E não se reduz, tampouco a um meio de conseguir conhecimentos (Larossa, 2007. p. 129-130).

Ao estabelecermos interlocuções com os conhecimentos produzidos por outros sujeitos (autores), vamos nos apropriando de processos formativos, desenvolvendo o nosso pensar sobre a profissão e o nosso fazer na profissão, pois a formação não se constrói por acumulação de cursos e técnicas, mas sim, por meio de um processo reflexivo crítico sobre as práticas e de (re)construção permanente da individualidade docente.

Bazzo (2019, 2020) ainda destaca que a formação de professores tem sido uma prática que não tem se demonstrado muito promissora e que os profissionais acabam aprendendo a ser professores por meio da própria experiência, que se dá pelo esforço solitário. E lamenta o fato de pouco estar se fazendo para corrigir tal situação, por isso defende a necessidade de se criar uma cultura de formação que inclua novos conteúdos nas necessidades formativas dos profissionais contemporâneos, para que ela deixe de acontecer em um ambiente isolado e assuma uma perspectiva inter, trans e multidisciplinar. Com isso, espera-se que aconteçam melhorias na qualidade da formação dos professores, nos processos de ensino e, conseqüentemente, na educação de forma mais ampla.

Ao produzir reflexões sobre educação e juventude, Bauman (2013) propõe uma formação que seja uma aprendizagem ao longo da vida. Em função do ritmo acelerado das mudanças sociais e do perfil dos atuais estudantes, o autor acredita que os professores precisam aprender durante todo o seu percurso profissional, pois as informações e conhecimentos que adquirem envelhecem depressa e sua utilidade é apenas temporária. Além disso, os currículos e os professores não podem ter o remorso de jogar fora, esquecer e substituir o conhecimento adquirido, quando este se mostrar inútil. Isso se faz necessário porque na modernidade líquida os acontecimentos sociais, políticos e

econômicos, a vida diária, os empregos e os relacionamentos viram “coisas do passado” rapidamente, pois o “prazo de validade” é muito curto.

Em vista disso, Bauman (2012, 2013) defende que os currículos e as estratégias pedagógicas devem estar em permanente mudança, já que não existe direção nem ponto de referência confiáveis, hoje, que amanhã não serão equivocados. O que hoje é bom, amanhã pode ser classificado como veneno. Somos, diariamente, convocados a construir novas possibilidades e, em seguida, reconstruí-las. Isso exige novos conhecimentos e novas habilidades, por isso a capacidade de planejar a aprendizagem ao longo da vida é fundamental. Este também é o entendimento de Nóvoa (2022, p. 98), quando defende que “a formação de professores deve ser realizada ao longo de todo o ciclo de vida profissional, desde o primeiro dia como estudante da licenciatura até ao último dia como professor”.

Gatti (2022) propõe que a formação de professores abandone as perspectivas teóricas abstratas de que se utiliza historicamente e assuma uma perspectiva que contemple os cenários vigentes, as dinâmicas socioculturais, a realidade educacional concreta e os atores escolares. Contudo, a autora alerta que só conseguiremos alterar a situação dada quando estivermos conscientes e convictos da exaustão dos processos formativos até aqui realizados. E lembra que, para efetivar as mudanças reais que tanto se espera, é preciso diálogo e metas coletivamente definidas, assumidas e bem fundamentadas. Além de iniciativas institucionais interdisciplinares e integradas, abranger o conjunto das licenciaturas ofertadas, alterações curriculares e novas formas de trabalho pedagógico. A autora ainda reforça que essa implementação exige: apoio e incentivo das gestões e políticas educacionais em âmbito nacional e local; que as universidades assumam esse compromisso de renovar a formação de professores, não deixando a cargo de iniciativa isoladas de alguns cursos, alguns professores ou alguns grupos de pesquisa; e o envolvimento coletivo dos professores formadores, dos professores da educação básica e dos professores em formação/licenciandos.

A perspectiva colaborativa é outra tendência que tem sido indicada como possibilidade de inovar as propostas de formação de professores. Autores como Imbernón (2024) e Nóvoa (2022) defendem essa concepção por acreditarem que é preciso romper com o isolamento presente na profissão e que é a partir das experiências e das culturas profissionais que será possível encontrar uma saída para os dilemas da formação. Além disso, nessa perspectiva,

busca-se fortalecer a autonomia e o protagonismo dos professores, emponderá-los como agentes de sua própria aprendizagem e reconhecê-los como profissionais reflexivos e produtores de conhecimentos. Para os autores, sempre que a educação superior se aproxima da educação básica e os professores universitários e escolares se juntam em coletivos para discutirem os problemas vivenciados, realizarem leituras, pensarem o trabalho docente e construir práticas pedagógicas diferentes, eles conseguem encontrar respostas para os desafios que se apresentam em seus cotidianos.

Imbernón (2024) acredita que a geração de mudanças nos processos de formação, seja inicial ou continuada, está fortemente ligada à capacidade de interação entre formadores, licenciandos e professores, à troca de experiências e o aconselhamento entre pares. A colegialidade, a frequência das interações, a comunicação e a ajuda entre colegas, revelam-se indicadores valiosos da implementação de inovações. Para o autor, a formação colaborativa é uma ótima tendência para a renovação da formação e profissionalização docente. Ele acredita que esta perspectiva pode ser um dos marcos mais importantes para transformar o DNA inoculado na formação de professores, como a linearidade, a perspectiva técnica, a cultura da homogeneidade, o individualismo etc. Contudo, alerta que não basta mudar as práticas formativas simplesmente maquiando as estratégias, estruturas, processos e sistemas, se o pensamento e a atitude de quem as produz e as coloca em prática não se modificam, com um olhar que vai além das estratégias metodológicas. Para o autor, a inovação deve permitir resolver problemas mais significativos e relevantes do que mudar estratégias metodológicas.

Para se avançar na formação de professores, Nóvoa (2022) defende o abandono das estruturas uniformes e rígidas e a articulação orgânica entre universidades, escolas e profissão (formadores de professores, professores e licenciandos). Para o autor, não se trata apenas de articular teoria e prática, mas de compreender a complexidade da profissão em todas as suas dimensões – teóricas, experienciais, culturais, políticas, ideológicas, simbólicas etc. É enfático ao afirmar que, para que isso aconteça, são necessários ambientes formativos que permitam um encontro intenso com os conhecimentos científicos, por meio dos conteúdos específicos de cada disciplina, dos fundamentos da didática e da psicologia, dos saberes da experiência, do envolvimento e participação individual e coletiva, da valorização do estudo e da pesquisa, das aprendizagens colaborativas, de currículos integrados e multitemáticos, do acesso as

tecnologias digitais etc. Para o autor, é no espaço coletivo que se constrói a profissão docente e por meio da partilha de saberes e da reflexão conjunta sobre as práticas, pois o aprender não é um ato individual; a autoformação é importante, mas não suficiente; e o que sabemos depende, em grande parte, do que os outros sabem.

A incorporação das tecnologias digitais, não como meras ferramentas, mas como novos ambientes de aprendizagem que mudam a forma como os professores, estudantes e conhecimentos interagem entre si, é outra perspectiva indicada para renovar a formação de professores. Serres (2013), quando escreveu o livro *Polegarzinha*, se referindo a geração que habita o virtual e escreve mensagens com os polegares, explica que com o surgimento e uso dos artefatos tecnológicos, somos obrigados a sair do formato espacial multimilênar do livro, da página e da mesma organização das salas de aula, que ainda nos dominam nas universidades e escolas. Mesmo com a poderosa revolução tecnológica, continuamos agindo como se ela não tivesse mudado em nada a relação com o saber, com a pedagogia e com o próprio espaço educacional. Para o autor, as tecnologias digitais nos obrigam a abandonar o formato espacial do livro e da página e a abandonar a sala de aula como ela é, porque ela já está morta, mesmo que ainda a vejamos tanto e só saibamos construir outras iguais.

Mas como transformar esses espaços ordenados/limitados/moldados? Segundo Serres (2013), precisamos de espaços de circulação, oralidade difusa, movimentos livres, fim das salas classificadas, distribuições heterogêneas, descobrir coisas úteis, encontrar o inesperado, velocidade, temas novos, objetos novos. Ou seja, precisamos de uma outra razão: difundir os conhecimentos não de forma ordenada, formatados página a página, mas enunciar outras possibilidades que nos libertem do individualismo, da imobilidade e das rotinas obsoletas que usamos há séculos, nos processos formativos. É claro que não podemos esquecer de que os professores precisam mais do que o conhecimento técnico dos artefatos tecnológicos. É necessário incluir a reflexão crítica sobre as consequências sociais e pedagógicas da difusão e uso das tecnologias, pois elas não são apenas artefatos, mas sim, reverberações de novos modos de ser, de agir e de pensar, constituídos na era digital, que provocam na educação a exigência de ser capaz de os integrar como referências fundamentais nos processos de ensino (Nóvoa, 2022).

A cooperação entre instituições internacionais é outra prática sugerida para melhorar os processos de formação de professores. Segundo Morosini (2019), a internacionalização, até

poucos anos priorizada na pós-graduação, hoje, estende-se ao ensino e a extensão também. Ela é cada vez mais necessária, dentre outras razões: porque instituições e pessoas estão inseridas num mundo conectado e global; pela interação entre culturas; para construir currículos mais flexíveis e transdisciplinares; atender as diversas demandas do novo perfil de estudantes e dos efeitos das tecnologias digitais; e para formar um sujeito com visão global e sistêmica sobre a sociedade em que está inserido.

Morosini (2019) ainda esclarece que, dentre as estratégias utilizadas pelas instituições de educação superior para promover a internacionalização, estão: a mobilidade, que corresponde ao deslocamento físico de estudantes, professores ou servidores de uma instituição pra outra (enviar pessoas ou receber); os projetos de cooperação; a constituição de redes on-line de estudos e pesquisas; a publicação de artigos em revistas internacionais; a escrita de artigos, livros, materiais pedagógicos em coautoria com profissionais de outros países; as aulas presenciais ou on-line em outro idioma; a participação de estudantes internacionais em disciplinas; a dupla diplomação; a internacionalização do currículo, por meio da incorporação da dimensão intercultural dos conteúdos. A autora reforça a importância de se pensar a internacionalização para além da mobilidade, pois ela deve prover uma experiência educacional internacional para todos os estudantes, independente do capital social, econômico, cultural e intelectual que estes sujeitos tenham.

Pedrini (2019), ao discutir especificamente formação de professores e internacionalização, defende que, com a nova realidade que estamos vivendo, escolas, universidades, pesquisadores e formadores precisam rever as concepções de mundo, ser humano, trabalho e educação, a fim de dar conta das exigências que se impõe aos professores neste início de século. Por isso a internacionalização da formação de professores surge como um meio de formação inicial e continuada, de trocas e vivências entre estudantes e professores, instituições universitárias e países, estabelecendo-se redes de aprendizagem e avançando na qualidade de tal formação. Ou seja, além de ampliar as perspectivas formativas dos professores, o contato com diferentes contextos educacionais e culturais enriquece a formação docente e promove uma visão mais ampla e inclusiva da educação.

Sem a intenção de esgotar o assunto neste tópico, apresentamos algumas das perspectivas que temos estudado e que têm sido sugeridas na literatura educacional e

sociológica para (re)construir as propostas de formação de professores. O que apresentamos não é uma espécie de respostas ou de “salvação” para todos os problemas. Mas indicações de alternativas possíveis de serem implementadas nas propostas de formação de professores, seja inicial ou continuada.

Observa-se que, em todas as perspectivas, é sugerido uma formação: que supere as fronteiras disciplinares; promova uma compreensão mais ampla e integrada dos conhecimentos; conectada com a realidade social ampla e com as realidades escolares; que acompanhe a evolução das ciências; que saia da configuração individual para a coletiva; que assuma um processo contínuo de reflexão, pesquisa, colaboração e partilha; e que prepare os professores para ensinar em um mundo em metamorfose.

Várias são as sugestões para a melhoria da formação de professores. Contudo, é importante lembrar que, para efetivá-las é preciso de atitudes, esforços e ações menos superficiais. Como bem destaca Bazzo (2020), apesar dos inúmeros problemas já terem sido identificados há anos, e que se saiba que as soluções não são fáceis e nem a curto prazo, é inevitável se iniciar e passar do discurso à ação. Para isso, é necessário acabar com o comportamento passivo que ainda predomina em muitas instituições e ir em busca de novos conhecimentos em diferentes áreas, superando as fragilidades dos currículos e adaptando-os aos novos tempos. Apesar de não existirem fórmulas milagrosas, é essencial compreendermos que uma efetiva mudança passa, também, pela formação epistemológica dos professores, com abordagens que levem a reflexões sobre onde as revoluções tecnológicas estão nos levando como seres humanos.

### **Algumas considerações**

É evidente que com a metamorfose do mundo somos desafiados a analisar os acontecimentos sob outra perspectiva, com um olhar novo e dinâmico, para tentarmos compreender as novas formas de ver e estar no mundo. Também é possível perceber que essa transfiguração da sociedade tem impactado o trabalho docente e demandado uma formação outra, pois educar em um mundo líquido e de mudanças instantâneas, exige abandonar rotinas uniformes, monótonas, sólidas e criar outros jeitos de ensinar, contemplando o mundo existente do lado de fora da sala de aula. Mesmo não tendo um caminho certo e seguro, é preciso abandonar os hábitos arraigados e tentar o

novo, as ideias incomuns, diferentes das que estão vigentes.

Sabemos que é difícil pensar em um modelo de formação de professores para um mundo em mudança. No entanto, acreditamos que é importante compreendermos a crise educacional, escolar e formativa do nosso tempo como uma metamorfose capaz de suscitar novas oportunidades e possibilidades. Nessa conjuntura, o reconhecimento dessa ambiguidade é o primeiro passo, para depois, construir caminhos que nos ajudem a lidar com as incertezas e as dúvidas que hoje atormentam as instituições de ensino e os professores. A educação não passaria imune à metamorfose do mundo. Então, em vez de lamentar as consequências que ela cria, devemos apostar num novo modo de se fazer educação, em outras formas de educar e em outras propostas formativas, mais abertas aos mistérios desse novo tempo, aos novos modos de ser contemporâneo, a outras leituras e outras práticas.

Não temos dúvida de que todas essas mudanças em curso nos desafiam e nos exigem uma preparação adequada para equacioná-las. Por isso, ao longo deste texto, defendemos que é fundamental os professores refletirem sobre essa realidade ampla que estamos vivendo e a complexidade de desafios que ela traz para a formação e a prática docente.

A metamorfose significa a mudança extraordinária causada pela modernização digital e que produz impactos na vida de todas as pessoas. As certezas são desestabilizadas a partir de eventos que mudam as origens e as características do ser humano e, conseqüentemente, reconfiguram as visões, crenças, perspectivas e atitudes anteriormente existentes. Com isso, o tempo presente está exigindo respostas que auxiliem na criação de novas políticas e novas possibilidades para a formação de professores, condizente com a realidade do presente.

Como pesquisadoras e formadoras de professores, estamos dedicando as nossas melhores energias na compreensão desta realidade provocada pela metamorfose do mundo, e pensando em possíveis caminhos e estratégias que julgamos coerentes para se implementar nas ações de formação de professores, neste momento crucial. Acreditamos que as tendências apresentadas convergem para o fortalecimento da formação e da profissionalização docente.

## Referências:

ALEVATO, Hilda. A escola básica e suas revoluções necessárias: desafios à formação docente. In PARENTE, Cláudia da Mota Darós; VALLE, Luiza Elena L. Ribeiro do; MATTOS, Maria José Viana Marinho de (org.). **A formação de professores e seus desafios**

frente às mudanças sociais, políticas e tecnológicas. Porto Alegre: Penso, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Tradução Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011a.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, Edição eletrônica: julho 2011 (b).

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude**: conversas com Ricardo Mazeo. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BAZZO, Walter Antonio. **De técnico e de humano**: questões contemporâneas. 3. ed., atual., ampl. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2019.

BAZZO, Walter Antonio. **Ciência, tecnologia e sociedade e o contexto da educação tecnológica**. 6. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2020.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco**: rumo a uma outra modernidade. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Editora 34, 2011.

BECK, Ulrich. **A metamorfose do mundo**: novos conceitos para uma nova realidade. Tradução Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

COSTA, Marisa Vorraber. Sobre as contribuições das análises culturais para a formação dos professores do início do século XXI. **Educar**, Curitiba, n. 37, p. 129-152, maio/ago. 2010. Editora UFPR. Disponível em <https://www.scielo.br/j/er/a/d89SJcZ3VGHZchmNppvntQN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 out. 2025.

COSTA, Marisa Vorraber. Imagens do consumismo na escola – a produtividade da cultura visual. Instrumento: **R. Est. Pesq. Educ.** Juiz de Fora, v. 14, n. 2, jul./dez. 2012. Disponível em <https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/18774/9884>. Acesso em: 24 out. 2025.

GATTI, Bernardete A. Duas décadas do século XXI: e a formação de professores? **Rev. Int. de Form. de Professores (RIFP)**, Itapetininga, v. 7, e022009, p. 1-15, 2022. Acesso em: 25, mai., 2025.

GIROUX, Henry A. Praticando Estudos Culturais nas faculdades de educação. In: SILVA,

Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 83-100.

GREEN, Bill; BIGUM, Chris. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 203-236.

IMBERNÓN, Francisco. **A inovação educacional no ensino do futuro**. São Paulo: Cortez, 2024.

LARROSA, J. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, M. V. (org.). **Caminhos investigativos I**: novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

MOROSINI, Marília. Como internacionalizar a universidade: concepções e estratégias. In MOROSINI, Marília (org). **Guia para a internacionalização universitária**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019.

NÓVOA, António. **Escolas e professores proteger, transformar, valorizar**. Colaboração Yara Alvim. Salvador: SEC/IAT, 2022.

PEDRINI, Maristela. Competências para a formação docente e internacionalização. In MOROSINI, Marília (org). **Guia para a internacionalização universitária**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019.

RAMOS DO Ó, Jorge; COSTA, Marisa Vorrober. Desafios à escola contemporânea: um diálogo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 109-116, jul./dez. 2007. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/6653>. Acesso em: 14 out. 2025.

SERRES, M. **Polegarzinha**. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

Submissão em: 02/06/2025

Aceito em: 11/05/2026

Citações e referências  
conforme normas da:

